

Direita radical deve vencer na Itália, apontam projeções

Europa

Direita radical vence na Itália; Meloni pode ser a primeira mulher premiê

— Projeção aponta que coalizão de direita comandada pela líder do Irmãos da Itália deve obter quase metade dos votos e poderá governar sem se aliar a outros partidos

ROMA

A extrema direita populista saiu vitoriosa das eleições legislativas italianas realizadas ontem. O partido de Giorgia Meloni liderava as apurações para Câmara e Senado, e deve confirmar a vitória histórica hoje, com os resultados oficiais. Se as projeções estiverem corretas, Meloni, de 45 anos, líder do Fratelli d'Italia (Irmãos da Itália), poderá se tornar a primeira mulher a chefiar o governo da Itália – e a primeira política da ultradireita no poder desde o ditador Benito Mussolini, no posto entre 1922 e 1943.

A candidata que lidera uma aliança que uniu a centro direita e a extrema direita – formada pelo Irmãos da Itália, pela Liga, partido do populista Matteo Salvini, e pelo conservador Forza Italia, de Silvio Berlusconi – deve conseguir 47% dos votos. Segundo as projeções, o partido de Meloni terá entre 24% e 26% dos votos, o Liga deve levar entre 8,5% e 12,5%, e o Forza entre 6% e 8%.

Assim, a coalizão pode somar até 257 cadeiras na Câmara, 56 a mais do que o necessário para ter maioria, e 131 no Senado, 30 a mais. Com isso, não precisará negociar com outros partidos para aprovar pautas e confirmar Meloni no cargo. Ontem, o Partido Democrata, de centro-esquerda, reconheceu a derrota.

DIREITA, VOLVER. O ceticis-



Giorgia Meloni posa para foto no momento da votação, em Roma: candidata confirma favoritismo

mo em relação à política na Itália é profundo, após 11 governos em 20 anos – primeiros-ministros têm ficado menos de 400 dias no cargo em média. Quase 51 milhões de italianos estavam aptos a votar, mas a abstenção de 36% foi recorde.

O desalento com os políticos, disseram analistas, desestimula o voto. “Espero que vejamos pessoas honestas, e isso é muito difícil hoje”, disse Adriana Gherdo, em uma seção de votação em Roma. “A política italiana precisa mudar, e Meloni vai ser uma grande mudança”, disse Paola Puglisi, de 65 anos.

Federica Lombardi, 25, e sua irmã Emanuela Lombardi, 23, disseram ao *The New York Times* que cansaram das “bo-

lhas liberais” e das promessas não cumpridas pelo Partido Democrata, em quem votavam. “Ela é verdadeira, ao contrário dos outros políticos, que seguem sempre o mesmo roteiro”, disse Federica.

Vantagem
Coalizão terá ampla maioria no Parlamento e não vai precisar negociar acordos com partidos

Para Roberto D'Alimonte, cientista político da Universidade Luiss Guido Carli, em Roma, e escolheu de Meloni não significa que a Itália “se move para a direita”. Segundo ele, os

eleitores têm pouco interesse na história de Meloni e simplesmente a enxergam como a nova cara da centro-direita. “Os eleitores não a veem como uma ameaça.”

Para Gianluca Passarelli, professor de ciência política da Universidade Sapienza de Roma, Meloni pode ser considerada uma conservadora radical, mas não fascista. “Giorgia Meloni e seu partido não são fascistas. Fascismo significa tomar o poder e destruir o sistema. Ela não vai fazer isso e não poderia”, diz ele. “Mas há alas no partido ligadas ao movimento neofascista.”

CRISES. Meloni vai enfrentar testes imediatos internos e na

Europa, como os preços da energia e dos alimentos em alta e as divisões dentro de sua própria coalizão sobre a Rússia e a invasão da Ucrânia.

Um ponto crucial do novo Gabinete será a execução do plano elaborado em parceria com a UE, no valor de € 200 bilhões (R\$ 1,02 tri), e que exige a adoção de reformas no Estado — Meloni sugeriu rever o acordo, mas o Forza Italia quer manter os compromissos.

Meloni é contra a adoção de um programa de € 30 bilhões (R\$ 152 bilhões) para que o Estado assumira dívidas e ajude famílias e empresas a pagarem suas contas de gás, proposta defendida por Salvini (e que levou a uma rispida discussão entre os dois).

A provável premiê segue posições similares às de Draghi na economia, recusando-se a elevar o déficit do país. Ainda sobre as relações com a UE, Meloni vem sinalizando que não tentará criar ou acirrar tensões com Bruxelas.

Em uma década como líder do Fratelli d'Italia, Meloni adotou posições extremas. Ela já defendeu a dissolução da zona do Euro e difundiu uma teoria conspiratória de que “forças anônimas” direcionam imigrantes em massa para a Itália para “substituição étnica”. Durante a campanha, porém, ela tentou se colocar como opção de centro e ganhou apoio para seu partido. Em várias ocasiões, ela reiterou que a Itália “pertence à Europa”, mas “lutará por seus interesses”. ● AP, AFP, NYT e WP

Vitória de candidata preocupa algumas italianas

CENÁRIO

ELISABETTA POVOLEDO
GAIA PIANIGIANI
THE NEW YORK TIMES

Seu marido e mãe tem sido fundamental para o discurso político de Giorgia Meloni. Ela já concorreu a prefeito com sete meses de gravidez, porque disse que homens poderosos lhe ha-

viam dito que ela não conseguiria. Seu bordão mais famoso é: “Eu sou mulher. Eu sou mãe”. Por vezes, ela fala com orgulho sobre como começou um partido, o Fratelli d'Italia (Irmãos da Itália), e subiu ao topo da política nacional sem tratamento especial.

No entanto, por mais felizes que as ativistas feministas estejam com a possibilidade de uma mulher finalmente governar a Itália, muitas desejariam que fosse qualquer outra

italiana. Elas temem que a agenda de extrema direita de Meloni – com um discurso sobre prevenção de abortos, oposição a cotas e contra o casamento gay e adoção por pais do mesmo sexo – traga retrocessos à causa das mulheres.

“Não é um avanço e, na verdade, pode ser um retrocesso do ponto de vista dos direitos das mulheres”, disse Giorgia Serughetti, que escreve sobre questões femininas e leciona filosofia política na Universidade Bicocca, em Milão.

SOCIEDADE PATRIARCAL. Mais do que na União Europeia, as mulheres na Itália têm enfrentado dificuldades para emergir na sociedade patriarcal do país.

Quatro em cada dez mulheres italianas não trabalham. As taxas de desemprego são ainda maiores entre as jovens em início de carreira. Para muitas italianas, encontrar um equilíbrio entre vida pessoal e profissional fica quase impossível quando os filhos entram na equação.

“Metade das mulheres italianas não tem independência econômica”, disse Linda Laura Sabbadini, estatística e diretora de novas tecnologias do Instituto Nacional de Estatística da Itália. “Não é só uma questão cultural. A política claramente não fez o suficiente por elas até agora”.

Meloni se apresentou como alguém que vai ajudar, mas em questões-chave para as mulhe-

res, sua coalizão tem se mostrado ambígua e oferecido poucos detalhes.

Os críticos temem que a abordagem dúbia perpetue as décadas de promessas de campanha não cumpridas em defesa das mulheres e seus direitos. Tanto que há um ceticismo generalizado se qualquer um dos partidos defenderá essas causas. Essas questões desencorajaram as mulheres a votar, e a possibilidade de eleger Meloni como a primeira a ser primeira-ministra não as está motivando. Tanto que as pesquisas sugerem que mais de 30% das italianas não votaram ontem. ●

SÃO JORNALISTAS NA ÍTALIA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 11